

Palestra do Guia Pathwork® n° 163  
Palestra Não Editada  
10 de maio de 1968

## ATIVIDADE MENTAL E RECEPTIVIDADE MENTAL

Saudações, a todos os meus amigos, meus queridos amigos. O amor do universo envolve toda manifestação e individualização do ser divino, principalmente quando o eu exterior, separado, se esforça ardentemente para encontrar a verdade do ser, a verdade do eu, e assim a verdade da vida.

Toda a dor e a frustração por que passa o ser humano comum no decorrer da vida é resultado exclusivo do fato de ele não conhecer sua verdadeira identidade. E a constante luta da vida é que, inconscientemente, vocês sabem que existe algo a reconquistar, existe alguma chave secreta que poderia abrir a vida. Vocês sabem, lá no fundo, que a vida não pode ser apenas o que vocês experimentam no dia-a-dia, não pode ser meramente o que é naquele momento. E por causa disso vocês perdem o momento. Por causa disso, perdem o significado da vida, pois cada fragmento de momento contém toda a vida.

A luta para descobrir o verdadeiro eu e a aceitação do agora não são dois opostos que se excluem. De fato, são interdependentes. A palestra de hoje trata especificamente da atitude interior da mente para encontrar essas duas formas aparentemente opostas de experimentar e descobrir o significado da vida e a verdadeira identidade de cada um.

A atividade ou falta de atividade da mente são o fator chave neste caso, um processo sutil e, ao mesmo tempo, muito nítido, muito definido, muito importante. É quase impossível traduzir isso em palavras; mas vamos nos esforçar ao máximo. Da minha parte, vou me esforçar ao máximo para explicar, para encontrar as expressões certas para encontrar e atingir vocês, para transmitir o que quero dizer. E quanto a vocês, façam o maior esforço, abrindo-se internamente, com o coração e com a mente, para que entendam não só com o intelecto, mas também com a intuição. Esta, como vocês sabem, proporciona um entendimento muito mais importante.

Existem duas forças ou atitudes importantes no universo, e portanto em cada personalidade humana. Uma é o esforço, o movimento, a ação, a iniciativa, a ativação, o fazer. Esse aspecto abrange a responsabilidade por si mesmo, a independência, a autonomia, o livre arbítrio, o poder do eu. A outra é ser receptivo e esperar qualquer coisa que vier a acontecer. Esse aspecto engloba a percepção de fazer parte de um todo, a interdependência, a confiança nos processos maiores da vida, a paciência, a humildade. A primeira significa ação direta, a segunda significa esperar para crescer e manifestação indireta. Isso ocorre à sua própria maneira e de acordo com suas próprias leis.

Quando o homem acredita, consciente ou inconscientemente, que uma dessas duas atitudes é “certa” ou “errada”, de modo que cultiva apenas uma delas, a distorção e o desequilíbrio são inevitáveis. Como é impossível “usar” apenas uma, o oposto do que a pessoa adotou como sua maneira de operar continua existindo, embora de uma maneira menos evidente. Mas os dois modos funcionam

de maneira inadequada, ineficaz, e até destrutiva. Mais tarde vou entrar em maiores detalhes a esse respeito. É importante para toda pessoa em crescimento descobrir a sutil interação, no devido equilíbrio, dessas duas grandes forças universais. Como não existe regra sobre exatamente quando e como passar de uma à outra, a maneira de fazê-lo deve ser encontrada no próprio ritmo e realidade interior de cada um. A pessoa precisa entrar em sintonia com sua vida interior e os movimentos de sua alma para poder perceber quando e como cada um delas se expressa, quando predomina uma ou a outra, o que as diferentes fases de crescimento exigem a cada momento. Isso passa a ser cada vez mais espontâneo e automático à medida que o eu se desenvolve e se integra ao ego.

Essas duas forças ou tendências universais também poderiam ser designadas forças ativa e passiva. Falei sobre essa tema muitos anos atrás, porém num nível muito mais superficial e geral. Agora, naturalmente, podemos tratá-lo de maneira muito diferente – com muito mais profundidade e especificidade, para que possa ser usado por todas as pessoas no decorrer do caminho. Vocês sabem muito bem que a verdade da vida não pode ser encontrada em uma filosofia, pelo entendimento puramente mental. A única forma de vocês experimentarem e sentirem a verdade é aplicá-la ao próprio eu, aos seus problemas individuais, para assim transcender esses problemas. Então, e somente então, vocês poderão experimentar as forças do universo em seu íntimo.

Uma outra maneira de colocar a questão seria falar dos princípios criativo masculino e criativo feminino. Isso eu também abordei anteriormente, em outro contexto e de maneira mais geral. Os princípios masculino e feminino existem na vida psíquica de todas as manifestações de vida. Eles estão em ação onde quer que haja vida. O poder criativo de sua interação harmoniosa cria novas, sempre novas manifestações e individualizações do ser divino. Não estamos falando apenas de criações de carne e osso, estamos falando de tudo. O crescimento da personalidade também é uma “criação” regido pelas mesmas forças geradoras de vida da interação harmoniosa dos princípios masculino e feminino. Não haverá crescimento se não existir a interação certa da iniciativa, vontade e determinação, por um lado, e passividade, receptividade, entrega, espera e desdobramento, por outro lado. A reunião desses dois princípios ou forças cria renovação, novas formas, expansão. Engendra mais vida e vida maior, cria uma intensa ventura e o prazer supremo. A interação desarmoniosa, o excesso ou a insuficiência de ênfase de uma força coíbe a vida e resulta em desprazer, frustração e restrição. Quando homens e mulheres não têm dentro de si bem estabelecidos os princípios masculino e feminino – os dois – eles não podem ser homens e mulheres plenos.

Os dois princípios ou forças têm alguns denominadores comuns. Um deles é a alternância de tensão e descontração, de firmeza e suavidade. O solo fértil da vida, do crescimento, da paz, do prazer é a resistência que nasce da pulsação e movimento rítmico da tensão e descontração. Mas não imaginem que esse tipo de tensão pode ser comparado com a tensão dolorosa que a pessoa sente quando essas forças estão em desarmonia em sua vida interior. Ela deve ser visualizada como uma espécie de tensão prazerosa que é o trampolim a partir do qual a ação flui com naturalidade e espontaneidade. A mesma coisa vale para a descontração. É preciso não confundi-la com a inércia da falta de vida e de energia. Em sua versão saudável, ela é cheia de vida, de movimento interior. Ela se sustenta na confiança de que a ação natural ocorrerá no devido tempo, se pudermos falar assim à falta de uma expressão melhor.

A interação apropriada entre a tensão e a descontração é a pulsação do universo, sua respiração. Quando eu digo “do universo”, também me refiro a todos os seus aspectos e partículas. Pois tudo que é vivo é o universo, é um aspecto dele, e portanto partilha dos mesmos princípios e leis. A

batida pulsante de tensão e descontração é uma expressão da assimilação adequada dessas duas forças: o masculino e o feminino, o ativo e o passivo, a força de iniciação e a força de recepção. Toda manifestação de vida é uma expressão dessa batida, manifesta esse princípio. Quanto mais harmoniosa a manifestação de vida, mais adequadamente assimilada é a oscilação constante entre iniciar e receber, abrindo e fechando, abrindo e fechando.

Quanto mais o organismo se afasta de sua fonte, menos a consciência percebe sua verdadeira identidade divina, e mais doloroso é o ritmo alternante e a pulsação da vida. Pois onde há vida, há necessariamente esse movimento rítmico. Inversamente, quanto maior o desenvolvimento, isto é, quanto mais a pessoa está ciente de sua verdadeira identidade, e portanto ligada a ela, tanto mais agradáveis e venturosos, fatalmente, são os dois movimentos – a abertura e o fechamento, a tensão e a descontração. Num determinado estágio entre esses dois pólos extremos está a fase em que o estado de abertura e descontração é sentido como desejável e prazeroso, enquanto o estado de retração, fechamento e tensão é sentido como doloroso e indesejável. Por causa disso, a entidade de esforço para se afastar de um e se aproximar do outro estado do movimento pulsante. No entanto, quanto mais se esforça, mais atrapalha o ritmo natural. Porque o esforço gera mais tensão, mesmo quando ele visa o estado aberto, de descontração. Portanto, de fato não existe outro meio a não ser suportar o estado doloroso momentâneo, para permitir que o ritmo natural se exerça, até toda a personalidade se livrar das algemas que provocam o estado de dor e restrição. Isso não significa a cessação do movimento tenso, de fechamento, pois tal coisa significaria a ausência de vida. Significa apenas que, aos poucos, a dor é transcendida, deixa de haver dor. Poderíamos dizer que muitos seres humanos se encontram nesse “estado do meio”, onde uma batida da pulsação universal é sentida como dolorosa, e a outra, como prazerosa.

A interação correta desses dois princípios ou forças universais, do ponto de vista da atividade mental de vocês, especificamente com relação ao trabalho do caminho, pode ser descrita como segue. O ego exterior, intencional e consciente, com sua força de vontade, precisa se comportar de maneira firme, porém descontraída. É preciso não ceder ao inconsciente resistente e destrutivo, e também é preciso não pressioná-lo com angústia, empurrá-lo e coagi-lo com impaciência. As faculdades do ego, que têm acesso direto à força de vontade e seu efeito imediato, precisam estar alerta para reconhecer os sinais do inconsciente – onde ele está, o que ele expressa indiretamente, e finalmente por que ele se retrai de modo a impedir a felicidade e o desenvolvimento. Para esse reconhecimento, é preciso que a mente esteja calma, observadora, que aceite o que acontece no presente, e que incentive o inconsciente a se expressar. Depois que isso acontecer e ele vier à tona com toda a sua falta de racionalidade, sua direção pode ser alterada com muita naturalidade. A obstrução vai desaparecer.

Vocês podem ver que isso requer um delicado equilíbrio entre o princípio ativo, iniciador e masculino da mente, na firmeza de propósito de não ceder à linha de menor resistência com respeito às obstruções do inconsciente, e o princípio receptivo, passivo e feminino no espírito de espera e recepção, em que as expressões do inconsciente destrutivo são aceitas. Naturalmente, existe um procedimento idêntico com relação ao desenvolvimento da inteligência universal. No entanto, quanto mais obstruções fermentarem por baixo de tudo, menos isso será possível – como vocês todos bem sabem. A abordagem ideal é usar alternativamente os dois. Ensinar com firmeza, com calma e determinação a parte destrutiva do eu oculto a se expressar. Observar com interesse, atenção e não interferência o que vier à superfície. Para que isso seja possível, pedir ao ser divino, que vocês são no

íntimo, para guiá-los e ajudá-los nesse processo. Também aqui a determinação e a educação são a mente ativa. E a espera pela manifestação é o princípio passivo, receptor.

A mente humana está sempre tateando, consciente ou inconscientemente, para encontrar o equilíbrio certo entre essas atitudes importantíssimas. Uma das grandes dificuldades que o homem encontra em seu caminho pessoal é encontrar o equilíbrio e a interação harmoniosa. Como eu disse, não há regras para ensinar isso. É preciso escutar, com um ouvido muito apurado, os movimentos da alma, para descobrir quando usar uma e depois quando parar e usar a outra dessas duas forças complementares. É preciso que vocês vejam como usam essas forças erradamente para depois começarem, aos poucos, a adotar a atitude certa. É muito frequente o homem ser relaxado, preguiçoso e desatento a suas expressões mais interiores do princípio passivo mal entendido. Ele alega, corretamente, por assim dizer, que as coisas precisam amadurecer por si mesmas. O crescimento saudável não pode ser forçado, é um processo espontâneo. Por mais certo que esteja, ele usa esse argumento erradamente e deixa de olhar para dentro de si, de encarar o que precisa ser encarado, de reconhecer e fazer mudanças, de fazer e agir com a mente exterior e interior. Da mesma forma, quantas vezes o homem é exageradamente ativo, tenso, com suas correntes coercitivas e impacientes – com relação a si mesmo e aos outros – no princípio ativo mal entendido.

Sempre que existe um predomínio distorcido, é exatamente porque o outro também existe, talvez de maneira menos perceptível. A impaciência exterior consigo mesmo indica resistência interior. A acomodação exterior, o deixar as coisas correrem (da maneira errada) indica uma não aceitação interior do eu e uma luta feroz contra o eu e seus efeitos. Essa luta feroz precisa ser trazida à tona, pois ela está sempre presente quando há problemas não resolvidos, quando há desequilíbrio, distorção, insatisfação. A luta entre o eu e o eu é projetada no exterior, durante um tempo enorme, de modo que se supõe que a luta que existe é entre o eu e a vida ou os outros. Mas como não existe diferença entre vocês e a vida (e portanto também os outros), a luta é basicamente entre vocês e vocês mesmos. Quando isso estiver bem consciente, o desequilíbrio de que falamos se tornará compreensível e, por consequência, poderá começar a reorientação.

A verdadeira mudança é sempre um processo espontâneo que acontece por si mesmo. Ou assim parece. Na verdade, ela é resultado dos esforços exteriores da pessoa – esforços não tensos, naturais, direcionados. Mas quando se espera que os resultados venham imediatamente, como manifestações diretas e visíveis dos esforços, o processo não está sendo bem compreendido. A pessoa vai ficar decepcionada, desanimada, se esforçará menos, recairá em padrões destrutivos de mente, pensamento e emoções e também de ações e, ao mesmo tempo, vai ficar cada vez mais tensa e pressionar mais a si mesma. Por outro lado, se a pessoa espera os resultados sem se dar ao trabalho de dar o melhor de si à vida, a si mesma e a esse processo de crescimento – sabendo que o crescimento se manifesta sem esforço, como que por si mesmo – ela também vai ficar decepcionada, e a luta interior contra si mesma (a vida) vai ficar mais intensa.

Quanto mais inconscientes forem as dores e frustrações do homem, tanto mais ele se esforçará por encontrar uma solução. Sua mente fica excessivamente tensionada. Conscientemente, pode não saber disso e encontrar uma série de outras “razões” para a sensação de desconforto. Pode até ser levado a atos destrutivos, procurando situações de vida complicadas para contar com uma explicação satisfatória para seu desconforto, pois não saber a causa é uma dor pior que qualquer dor consciente. Em algumas personalidades, o resultado é a inércia.

A boa vontade e a ação, quando mal usadas, assumem a forma de tensão excessiva. Quando a mente deveria ser receptiva, não apenas ao que vem de fora, mas também e até mais ao que vem de dentro, muitas vezes ela se fecha num nó apertado, formado por pressão contra o eu. A receptividade intencional para com os processos interiores, para acolher na consciência o que procura sair, é uma parte essencial do caminho. Vocês jamais saberão o que existe no seu íntimo se não cultivarem essa atitude interior. Quando as pessoas estão muito ansiosas, com muita pressa, muita impaciência, o trabalho do caminho se interrompe. Isso expressa sempre o mau entendimento do processo. Significa que existe a falsa ideia de que é possível eliminar os bloqueios interiores mediante o emprego direto da vontade do ego. A vontade do ego tem uma função necessária, mas ela é indiretamente responsável pelas correntes interiores e a vontade do inconsciente. Portanto, a consciência exterior precisa tratar o inconsciente – mesmo sua parte destrutiva, infantil, distorcida – com respeito. É o respeito que vocês têm para com um ser que não pode ser coagido, mas que precisa encontrar seu caminho. Também o inconsciente de vocês precisa encontrar seu caminho. Se ele for coagido, não poderá se desenvolver. Não poderá responder, não poderá se revelar. Se a mente exterior ficar muito tensa e ansiosa, pressionando e forçando o inconsciente, será impossível estabelecer o tipo de relação entre o consciente e o inconsciente que é necessária para que, primeiro, este último possa revelar e, em seguida, que possa ocorrer a unificação de ambos.

A relação entre a mente consciente e a parte destrutiva do inconsciente pode ser estabelecida mediante a aceitação, por enquanto, de que existem percepções, atitudes e sentimentos que, muitas vezes, se opõem frontalmente entre si. Uma vez que vocês permitirem que os aspectos de destruição, obstrução e prejuízo do inconsciente se revelem, as atitudes e convicções mais verdadeiras e construtivas da mente consciente poderão influenciar e, gradualmente, eliminar os obstáculos na alma. Da mesma forma, a relação entre as faculdades do ego e a sabedoria mais elevada, a verdade e os profundos sentimentos de amor do eu divino poderão se firmar, quando o ego estiver preparado para recebê-los. Isso significa uma atitude de espera, de recepção, de tranquilidade e, uma vez que o divino se desenvolva por meio de novas ideias, novos sentimentos, novas profundidades de experiência, e ego será educado, influenciando, impregnado pela manifestação do divino. Assim, os dois aspectos de crescimento e integração pressupõem a mesma dinâmica de ativo e passivo, de fazer e esperar, de iniciar e receber. Em um caso, o ego consciente é mais sábio e construtivo que o inconsciente oculto. No outro caso, o inconsciente oculto é muito mais sábio e construtivo do que a mente consciente.

Tratar o inconsciente com respeito – seja qual for o aspecto dele – honrá-lo, é extremamente necessário. A honra não é dada à destrutividade em si, mas ao processo de crescimento e desenvolvimento, às leis maravilhosas da realidade interior. Com essa mentalidade, a mente acabará tendo acesso às leis. Assim, as leis universais da criação, que são idênticas, também serão entendidas. É isso que quero dizer quando repito que a vida, a criação, o universo, o cosmos somente podem ser entendidos na medida em que o homem entender seus processos inconscientes, suas leis e sua dinâmica.

Mesmo as atitudes mais destrutivas são resultado da simples má compreensão, e não da maldade. Quando a pessoa entende de fato essa verdade, fica claro que até os processos mais destrutivos são incrivelmente impressionantes, por o princípio e a mecânica deles se baseiam em leis idênticas às do funcionamento da criação em seu melhor aspecto. Como o mal é resultado da má compreensão e como os processos são igualmente maravilhosos em si mesmos, o mal somente pode ser efetivamente eliminado quando vocês aprenderem a respeitar o inconsciente. Deixem que ele se

desenvolva à sua moda, no seu ritmo. Sejam receptivos e abertos ao que ele lhes revelar. Essa atitude é, muitas e muitas vezes, violada pela força mental punitiva, afoita e ansiosa – uma corrente que procura forçar o inconsciente. O resultado, às vezes alternativamente, muitas vezes simultaneamente, é o excesso de tensão e ansiedade e/ou a inércia, a preguiça, descaso ao crescimento ativo.

Como vocês tratam o mundo exterior exatamente da mesma maneira que tratam seu próprio inconsciente, vocês irradiam essa mesma atmosfera para aqueles com quem se envolvem. As outras pessoas fogem dessa furiosa investida, como que dizendo aos outros “vocês precisam fazer tal coisa”, como faz o seu inconsciente. Quando vocês não querem dar atenção ao inconsciente e fogem dele, quando o fazem apenas superficialmente, como um gesto, fatalmente terão a mesma atitude para com o inconsciente dos outros. Nem é preciso dizer que as pessoas se ressentem, muitas vezes também inconscientemente, pois a maioria das pessoas não tem ciência da interação de seu inconsciente.

Toda experiência boa, bonita e criativa, quando vocês se sentem unidos à vida, a si mesmos, aos processos criativos, é resultado da relação adequada entre os princípios ativo e passivo. Se vocês recordarem essas ocasiões, vão ver que existiu uma combinação de estado de atenção dirigida, de envolvimento ativo e de participação e, ao mesmo tempo, de espera, recepção, passividade muito descontraída, e no entanto pulsante. Quando vocês permitem que essas atitudes fluam de vocês, a vida flui para vocês. A vida não traz nada a vocês (aparentemente de fora) que vocês não tenham tornado possível.

Vamos recapitular a distorção desse princípio duplo: o ativo e o passivo. O princípio iniciador, ativo, masculino se transforma em grande tensão, a tensão da impaciência, da ansiedade, do orgulho do ego, que acha que só ele é capaz de fazer tudo, simplesmente com a vontade exterior. Isso implica também a negação dos poderes universais, mas também dos poderes da própria capacidade inconsciente do homem de crescer e funcionar de acordo com as leis superiores. Implica a descrença em todos os movimentos universais e pessoais como se eles não tivessem existência, legitimidade e ritmo próprio, e também implica a descrença no raciocínio. Essa atitude implica ainda a convicção de ser apenas um ego isolado, sem ligações mais profundas. Com essa ilusão extremamente lamentável, as ligações realmente existentes se perdem, ou melhor não são utilizadas, de modo que de fato o ego é incapaz de funcionar conforme suas melhores possibilidades e seu “destino”. Quanto menos essas forças e movimentos interiores são disponibilizados para participar da vida, tanto menos adequadamente o ego consegue se defender, e portanto mais entravado ele se torna. Essa existência com o ego isolado é resultado da ignorância, do orgulho do ego como a mais elevada, a melhor e a única realidade capaz de afetar a vida; e leva a mais separação, frustração e infelicidade, e consequentemente à tensão por causa do esforço inconsciente, da intensa tentativa de uma maneira ineficaz. É uma existência solitária, assediada pelo medo.

Inversamente, aquele que confia em Deus de uma forma que significa renunciar à responsabilidade por si mesmo, aquele que deixa tudo por conta de Deus para justificar sua própria inatividade, também não consegue se realizar. Uma pessoa assim parece que, com humildade e fé, deixa que Deus “aja”, sempre à espera, mas na verdade está igualmente desligada no que diz respeito à interação e ao inter-relacionamento entre os poderes ativos, iniciadores, e as manifestações espontâneas e indiretas de crescimento. Se e quando existe crescimento, talvez em resultado de alguma iniciativa tomada no passado e sem muita consciência, essa pessoa atribui o desenvolvimento a um poder exterior ou, de qualquer forma, não ligado a seus próprios atos e atitudes.

Vocês podem ver como esses dois extremos e distorções são semelhantes e, no fim das contas, levam vocês ao mesmo impasse. Quando o homem é passivo e deixa as coisas correrem, em vez de aceitar a responsabilidade por si mesmo, sua tarefa de encontrar o caminho, e talvez fazer o que naquele momento é o mais difícil, é porque ele confia em um falso Deus, um Deus que está fora dele. Pois ele, seu ser todo, é Deus, e somente ao usar suas faculdades ele pode perceber isso. Quando o homem é ativo apenas com o ego separado, em vez de viver na interação rítmica de fazer e esperar, de agir e ouvir, é porque ele acredita que seu pequeno eu separado resume tudo o que ele é – e também nesse caso ficará decepcionado. O homem precisa empenhar-se em descobrir a chave de sua vida – a verdade sobre si mesmo, por mais dolorosa ou menos lisonjeira que seja. Ao mesmo tempo, ele precisa respeitar e honrar os processos interiores e permitir que eles sigam seu curso.

É preciso encontrar esse equilíbrio. É um ritmo ou ciclo em constante mudança no caminho de cada um. Cada passo contém esses dois movimentos ou atitudes fundamentais. Sua interação adequada é o poder criativo que gera nova vida. Os dois princípios, o iniciador e o receptivo, exigem a integridade da identidade, por um lado, e por outro, o conhecimento de que a pessoa faz parte de um todo. Essa última atitude significa respeito pelos movimentos que não podem sempre obedecer imediatamente os comandos da mente. É necessário pôr em ação constantemente as forças criativas de vocês e descobrir quando e como elas estão prontas para se darem a conhecer.

Até o simples ato da meditação precisa ser uma combinação desses dois enfoques. Por um lado, vocês formulam ativamente seus pensamentos, sua intenção e sua atitude, bem como seu objetivo, sendo a atitude vocês quererem dar o melhor de si mesmos, o objetivo desejarem eliminar as obstruções, crescer e desenvolver o que têm de melhor, e a intenção estarem prontos para encarar a verdade, seja ela qual for. Por outro lado, vocês ficam quietos e aguardando, calmos e receptivos. Se as respostas não vierem de pronto, a maneira certa de agir é deixar as coisas como estão até as respostas chegarem, provavelmente quando vocês menos esperarem, pois é então que a mente está descontraída e possibilita a recepção. Quando vocês estão prontos para receber o que há de melhor e pior em vocês, e descontraídos em relação às duas coisas – nem ansiosos demais, nem temerosos – as manifestações podem aparecer. Se vocês estiverem igualmente receptivos em relação ao melhor e ao pior de vocês, e dispostos a entender ambos, os processos de crescimento harmoniosos, rítmicos e naturais vão se firmar cada vez mais.

Esse ritmo alternante de iniciar e receber, ou de tornar-se e ser, é a pulsação do caminho de vocês, meus amigos. As manifestações equilibradas da pulsação prosseguem apenas depois de vocês terem observado e aceitado temporariamente, de modo a entender a natureza da manifestação desequilibrada da pulsação das forças da alma de vocês. Como eu disse antes, isso coloca vocês num estado em que a tensão deixa de ser dor, de maneira que vocês não alternam entre dor e prazer. Nesse ponto, os dois opostos se conciliam, e os movimentos pulsantes de tensão e descontração passam a ser dois aspectos diferentes da ventura.

Talvez a melhor forma de encontrar o ritmo interior pessoal seja pensar na pulsação ativa dos seus melhores esforços para superar o medo de encarar algo desagradável, querendo dar o melhor de si mesmos para encontrar sua verdadeira identidade, o seu desejo de contribuir para os processos da evolução mediante o envolvimento sério e completo no processo de crescimento. Por outros lados, todos esses atos e ações interiores precisam ser seguidos por períodos de espera, aguardando o que está prestes a vir.

Quanto mais vocês descobrirem seu ritmo equilibrado a esse respeito, mais vai aumentar uma nova visão. Essa visão ou percepção será que vocês viveram 95 por cento da vida consciente sem responder de maneira espontânea, direta e independente ao que existe, mas sim de acordo com reflexos condicionados. A princípio, isso será um grande choque, e ao mesmo tempo uma liberação. Pois, nesse momento de reconhecimento, vocês vão saber que a vida e o mundo apenas começam a se abrir. Não me refiro unicamente a opiniões e pontos de vista que vocês repetem sem saber, por terem medo da responsabilidade de assumirem autenticamente suas opiniões e pontos de vista, porque precisam da aprovação dos outros mais do que acreditam que precisam da sua própria aprovação. Agora vou além desse nível mais superficial que já discutimos o suficiente. Estou falando agora de algo mais profundo e mais sutil. O que quero dizer é que vocês não passam por nenhuma experiência de vida de maneira original. Estão condicionados a pensar o que devem sentir a respeito dela. Vamos supor que vocês vejam a cor vermelha. Na maioria das vezes, absolutamente não a vêem de acordo com sua própria percepção e experiência. Vêem porque foram ensinados como devem ver o vermelho; vocês têm uma ideia preconcebida. Ou quando vêem, vamos dizer, uma tulipa, a palavra, o conceito, tulipa, já é um reflexo, de modo que vocês não experimentam a tulipa como se a vissem pela primeira vez. Podem multiplicar esse exemplo e potencializar a multiplicação indefinidamente. Nenhum aspecto, nenhum segundo da vida, sem exagero 95 por cento das suas experiências – não apenas conceituais, mas também sensoriais – não são livre e espontaneamente as verdadeiras reações de vocês, e sim reflexos preconcebidos. São não apenas o resultado do que vocês captaram nesta vida, mas também em muitas, muitas existências anteriores. A psique de vocês está repleta de uma montanha de experiências pré-assimiladas.

O mais importante de tudo, e que diz respeito ao nosso tema, é a experiência da dor e da frustração. Vocês foram ensinados durante séculos – não, milênios – que toda frustração é dolorosa. É por isso que é tão difícil fazer a transição da pulsação prazer/dor (tensão/descontração) para o estado liberado em que tanto a tensão como a descontração são aspectos ou versões diferentes do prazer. Enquanto a frustração não for despojada de sua ameaça, de modo que a personalidade não se contraia e não se encolha, será impossível detectar o livre pulsar do universo.

A sua convicção de que a frustração é dor e ameaça, talvez até perigo, faz com que reajam a ela de uma determinada maneira que na verdade gera um estado de dor e perigo. Minha sugestão é que, quando vocês começarem a se observar e aprenderem a ser receptivos ao que vem de seu interior, façam uma experiência com alguma frustração que aparecer da próxima vez. Perguntem a si mesmos: “Pois bem, aqui existe dor. Vou me permitir sentir essa dor. Ela é realmente tão dolorosa como suponho?” Estou dizendo “suponho” no sentido mais profundo. Quando vocês se convencem da dor, produzem ondas de dor por causa das suas próprias reações, como se fosse muito doloroso. Assim, a tensão se torna mais dolorosa do que a própria dor. Se vocês observarem suas reações desse ponto de vista, vão ter experiências muito estranhas. Vão aprender deixar que a dor, a frustração, existam. Vão deixar o movimento delas existir, por si mesmo. Pouco a pouco, verão como a dor se transforma num agradável movimento de pulsação. Somente quando vocês conseguirem ficar calmos, observadores e receptivos ao que está dentro de vocês, e aceitarem o que está dentro de vocês, serão capazes de ter essa experiência. Em geral, a mente faz movimentos tão frenéticos, lutando contra a dor e a frustração, que é impossível ter essa experiência. Em geral, vocês estão ocupados demais seguindo os reflexos condicionados, determinados pelo hábito, que seguem em frente e respondem ao que acreditam ser bom de um modo e mau de outro modo, sem jamais experimentar a vida de fato com independência, sem jamais experimentar o eu real, essa individualização do divino.

Vocês nunca experimentam as coisas como elas realmente são, sem ideias preconcebidas e pré-assimiladas, e também reflexos sensoriais preconcebidos e pré-assimilados. São as ilusões, que só podem ser penetradas quando vocês se tornaram ativos, iniciadores e receptivos ao ser mais interior. Nesse momento, vocês vão alternar entre conhecer novo material a seu respeito e a respeito do mundo, e sentir a si mesmos e ao mundo de novas maneiras. Vocês vão conhecer mais e mais a sua verdadeira identidade divina. Ela se revelará a princípio aparentemente como outro eu que se manifesta vindo de algum lugar de vocês. Depois, ao dar mais e mais vivacidade a vocês, vocês saberão que aquele eu é vocês, e vocês são ele.

Que esta palestra possa guiar vocês para encontrarem o inconsciente oculto e aprenderem a aceitá-lo como ele se manifesta, para que haja uma relação adequada de tensão e descontração na maneira total de encararem a si mesmos. Isso pode fazer muita diferença na sua atitude para consigo mesmos, e ensiná-los a se aceitarem como são e, graças a essa aceitação fundamental, adquirirem novo impulso e força para seguir adiante. Os movimentos da alma precisam viver isso. Não é suficiente conhecer esses princípios, embora conhecê-los muitas vezes seja necessário e proveitoso para colocar vocês no clima em que se torna possível vivê-los. Serenamente, sejam vocês mesmos, deixem que seu eu se desenvolva. Sejam abençoados, meus queridos amigos, em todas as suas novas atividades de crescimento. Cada passo à frente leva vocês para mais perto da percepção de quem realmente são e do que a vida realmente é – um continuum onde jamais é preciso ter medo da morte, um continuum de vida e júbilo. Fiquem em paz, sejam Deus!

---

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.